

Jovens negros ficam fora das faculdades de maior 'prestígio'

Instituições mais procuradas pelas empresas têm só um terço do número de pretos e pardos da média, mostra levantamento

Por Marsílea Gombata — De São Paulo

03/04/2023 05h00 · Atualizado há 4 horas



Maurício Prado: universidades menos prestigiadas não são consideradas em muitos processos seletivos de grandes empresas — Foto: Silvia Zamboni/Valor

Apesar da política de cotas raciais no ensino superior, o acesso de alunos negros a universidades de maior prestígio ainda é tímido. Mais de uma década depois de a política pública ser sancionada, o que se constata é que a matrícula de estudantes

pretos e pardos em instituições de São Paulo mais buscadas por empresas na hora de recrutar é cerca de um terço do observado em faculdades de menor prestígio.

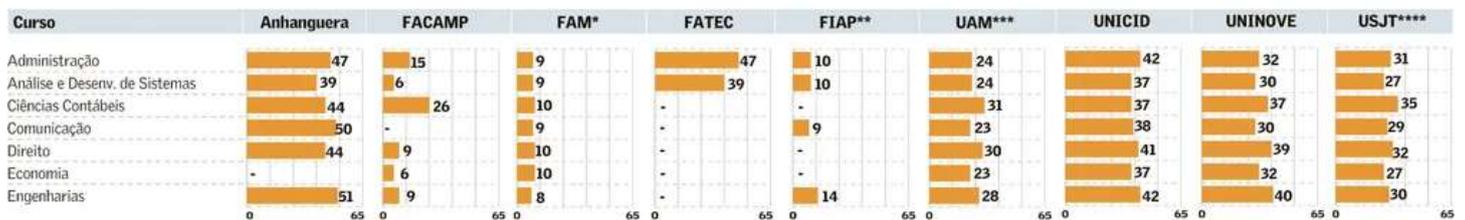
Dados do censo da educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) de 2021, compilados pela consultoria Plano CDE, mostram que pretos e pardos representam 16,1% do quadro discente em cursos e instituições mais procuradas pelas empresas no Estado de São Paulo. Esse número contrasta com as matrículas negras em universidades menos visadas, que representam 31,2%.

Antes da pandemia, em 2019, o percentual de matrículas de pretos e pardos em universidades de maior prestígio como Fundação Getulio Vargas e Insper era de 14,1%. No universo que engloba faculdades como Anhanguera e Unicid, chegava a 38,2%.

A análise foi feita com base em dados de 14 universidades de ponta e nove faculdades menos visadas pelo mercado de trabalho.

Fora dos holofotes

Proporção de negros por instituição de ensino superior - em %



Fonte: Dados do Censo da Educação Superior/ INEP. Elaboração: Plano CDE. *Centro Universitário das Américas. **Faculdade de Informática e Administração Paulista. ***Universidade Anhembi Morumbi. ****Universidade São Judas Tadeu

Para especialistas, o acesso desses alunos ao ensino superior tem se mostrado insuficiente para dar fim a desigualdades, que acabam sendo reproduzidas no mercado de trabalho. Em geral, egressos com diplomas de universidades de maior prestígio conseguem empregos melhores.

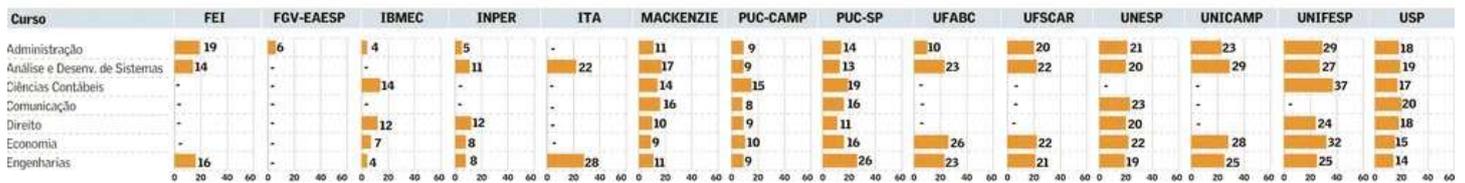
“Mesmo com dez anos de política de cotas, pessoas negras ainda estão acessando, proporcionalmente, muito mais as universidades menos prestigiadas, que não são consideradas em muitos processos seletivos de grandes empresas”, afirma Mauricio Prado, diretor da consultoria Plano CDE.

Ele observa que universidades menos visadas começam a representar o percentual de 56,1% de negros na população brasileira, enquanto em instituições de ensino superior de ponta essa proporção está muito aquém. Para ele, existe uma reprodução de desigualdade porque muitas empresas nem consideram essas faculdades na hora do processo seletivo.

“Há duas questões: como fazer essas universidades, que evoluíram muito [em termos de diversidade], terem maior representatividade [dessa população negra]?”, questiona. “Para as empresas que querem negros em cargos de liderança, há um desafio. Ou abrem mais seus processos seletivos ou terão de pensar junto às faculdades mais conceituadas como ampliar essa representatividade.”

Minoria no palco

Proporção de negros por instituição de ensino superior - em %



Fonte: Dados do Censo da Educação Superior/INEP. Elaboração: Plano CDC. *Centro Universitário das Américas. **Faculdade de Informática e Administração Paulista. ***Universidade Anhembi Morumbi. ****Universidade São Judas Tadeu

Quando se analisam os principais cursos das universidades, constata-se que em 2019 as matrículas de estudantes negros em instituições de maior prestígio equivaliam a apenas 23,2% do total de matrículas desses alunos nas faculdades menos visadas no Estado de São Paulo. Esse percentual subiu para 33,2% em 2021, com 15 mil alunos pretos e pardos em universidades mais consideradas por empresas em seus processos seletivos, contra 45 mil matriculados nas outras faculdades.

Para Thiago Soares, técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) na Apeoesp (sindicato dos professores do ensino público paulista), o próprio processo de seleção dessas vagas já representa uma linha de corte grande.

“Muitas dessas vagas requerem investimento maior, como um cursinho pré-vestibular, o que já traz um viés de seleção antes mesmo da entrada em cursos e universidades de maior prestígio”, diz.

Ele afirma que esse cenário assimétrico, de menor presença negra em universidades mais visadas, impacta a renda desse público. Estudo do Dieese, com base nos dados do IBGE mostra que mais de 37% das pessoas negras com ensino superior trabalham em cargos que só exigem ensino médio.

“A política social trouxe a ideia de que todos estão no mesmo pé de igualdade. Mas isso é uma ilusão porque o próprio mercado reproduz essas desigualdades”, diz. “Muitas vezes, esse jovem acaba se endividando para pagar a faculdade, consegue um diploma e o mercado de trabalho lhe diz que ‘isso é muito pouco’. É algo frustrante.”

Com a pressão financeira na pandemia, argumenta Soares, o percentual de negros ingressantes também foi abalado. Relatório de Equidade Racial do Movimento pela Equidade Racial (Mover) em parceria com a Plano CDE mostra que, em 2022, houve queda de 52% de pretos e pardos fazendo Enem, menos 33% prestando Fuvest e menos 25% o vestibular da Unicamp.

As cotas raciais para ensino superior foram fundamentais, mas são necessárias também políticas integradas que olhem para etapas prévias ao acesso a ele, afirma Viviane Soranso, coordenadora do programa de raça e gênero da fundação Tide Setubal.

“As universidades com maior prestígio são as que concentram alunos e alunas que, durante toda sua vida escolar, tiveram vivências em escolas de ponta. Oportunidades e acessos às políticas públicas desde a infância impactam diretamente na vida e nas escolhas das pessoas”, diz. “É preciso construir políticas integradas que também olhem para os processos anteriores ao acesso ao nível superior.”

Viviane argumenta que, quando uma empresa seleciona alunos de determinada universidade, está reproduzindo desigualdades. “Além de concentrarem renda nos mesmos grupos sociais, estão impossibilitando mobilidade social e acesso de pessoas negras em espaços de lideranças”, afirma.

Ela cita a plataforma Alas da fundação como exemplo de ferramenta facilitadora, ao se colocar como parceira de universidades como Insper e FGV, com o objetivo de promover inserção e permanência de pessoas negras nessas instituições.

O Insper não tem cotas raciais em seu vestibular. Possui parceria com a Educafro, rede de pré-vestibulares comunitários, e bolsa de estudo para jovens carentes e afrodescendentes. A iniciativa tem apoio do Fundo Alas e busca oferecer um novo curso pré-vestibular a associados da Educafro.

“Temos uma comissão de diversidade e inclusão com algumas frentes, como tornarmos o ambiente mais acolhedor, melhorarmos o processo de atração e tipos de parcerias, como bolsas”, afirma Marcelo Orticelli, diretor de Educação no Insper.

Para ingressar, todos os alunos prestam vestibular. Na hora da matrícula, podem pleitear bolsas se a renda per capita familiar for de até 1,5 salário mínimo, diz. Hoje a instituição tem cerca de 300 bolsistas entre seus 3.500 alunos.

Orticelli acrescenta que o Insper tem no planejamento estratégico ampliar a diversidade discente e docente. “Quando vemos nossas estatísticas, não nos orgulhamos. Temos a intenção de mudar o quadro, mas os números ainda são tímidos para encher a boca e dizer que tivemos grande avanço”, diz sobre os 7% de alunos pretos e pardos na graduação.

Ele acrescenta que uma das frentes para atração e retenção é aumentar o percentual de negros também no corpo docente, que hoje chega a 5%.

A Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV também não tem cotas, mas mantém iniciativas como curso pré-vestibular para baixa renda, com ajuda de custo de transporte e alimentação, bolsas para alunos de baixa renda e fundos de bolsas, apoiados por empresas.

Em nota, a FGV EAESP afirma que a “instituição tem metas de redução expressiva desse gap nos próximos cinco anos, quando almeja um equilíbrio de diversidades entre seus alunos”. Também criou, em 2021, um comitê de diversidade e inclusão.

Segundo a assessoria da instituição, as matrículas de pardos e negros chegam a 25% das vagas do curso de administração pública. Os dados de 2021 do Inep mostram que, à época, o percentual de pretos e pardos nas matrículas de administração pública era de 19%. No curso de administração de empresas, esse percentual era de apenas 4%. Somando as duas carreiras, os negros matriculados em todos os anos da FGV EAESP representam 6%.

Luanda Ferraz de Andrade, de 20 anos, ingressou em administração pública na FGV EAESP depois de fazer o cursinho para baixa renda. Nascida em Osasco, ela conta que, se não fosse o vale-transporte, lanche e almoço pagos aos sábados quando ocorria as aulas, não teria conseguido ingressar.

“Fiquei feliz quando passei no vestibular, mas mal consegui comemorar porque estava muito preocupada com bolsa. Comecei a preencher os formulários para pleitear uma desesperadamente”, lembra Luanda, hoje estagiária da consultoria Cloo Behavioral Insights Unit.

“Entrei com bolsa 100% por necessidade econômica. Hoje tenho bolsa 50% por necessidade econômica e 50% financiada pela Visa, que também concede ajuda de custo de R\$ 1.500 por mês para alunos como eu conseguirem se manter [na faculdade].”

O angolano Gilson Manuel, de 31 anos, cursa administração de empresas na Zumbi dos Palmares e trabalha como analista de mercado de capitais no Bradesco. Ele conseguiu o emprego em 2021, por meio de parceria da sua universidade com o banco.

“O programa me ajudou e muito. Lutando por conta própria não é fácil. Quando vamos sozinhos, à base do nosso currículo, vivências e faculdade, muitas vezes não vamos muito longe e não é garantia que possamos ficar nessas vagas”, diz. “Os processos são longos e podem levar oito meses para serem concluídos. Pela parceria com a universidade, tudo levou três meses.”

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

Carteira Life Grafite

R\$ 120,00 - VIVARA

Compre já

LINK PATROCINADO

OFERTA: Tênis lançamento por apenas R\$149,90!

ROUND SHOES

LINK PATROCINADO

Oportunidade exclusiva para os brasileiros nascidos entre 1942 - 1971: Não faltar

INSISTENT SAVINGS

LINK PATROCINADO

Como reduzir o refluxo: Veja isso agora

REFLUXO E GASTRITE

LINK PATROCINADO

Rb4640 Armação Havana Amarelo

R\$400

RAYBAN

Não perca

LINK PATROCINADO

Nioxin Night Density Rescue Tratamento Noturno 70ml

R\$ 139,49

AMERICANAS.COM

Comprar

Recomendadas para você

Brasil



É preciso ir além das cotas, defendem especialistas

Empresas

Finanças



Venda de ações em bloco ganha fôlego na B3

Política



**Conselho troca
CEO da Via sob
clima de dúvida no
mercado a respeito
dos próximos
passos**

**Minuta da nova Lei
das Estatais tenta
moderar nas
flexibilizações**

Comentários (2)

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os **termos de uso**, denuncie. Leia as **perguntas mais frequentes** para saber o que é impróprio ou ilegal.

Acesse sua Conta Globo e participe da conversa

[Entre e Participe da Conversa](#)

Mais novos



Wilson Satoro Motizuki há 1 hora

Acredito que independentemente da cor da pele, o critério deveria ser de renda familiar, crianças e adolescentes cuja família tenha renda abaixo de certo limite deveria, não receber ajuda financeira, mas ter a disposição, além do ensino normal, aulas de reforço, desde a pré-escola, as família de renda maior que esta mínima, em escala gradativa ter de pagar para frequentar estas aulas de reforço. O objetivo destas aulas de reforço é para que todos tenham condições de disputar as vagas sem nenhuma discriminação de em termos de pontuação ou de cotas.

Curtir Responder Denunciar

Leo há 2 horas

Essas soluções de "atalho" não funcionam, apenas criam outra desigualdade aos jovens brancos, asiáticos... pobres que agora não conseguem mais ingressar nas faculdades, as fraudes aonde as pessoas se dizem negros são os sinais dessa desigualdade. O que deve ser feito é melhorar a educação básica. Agora cotas em mercado de trabalho? poderiam começar com cotas nos esportes, os times de futebol deveriam ter restrição de cotas.

Curtir Responder Denunciar

Mais do Valor **Econômico**

Mudança de estação: Bitcoin inicia 2º trimestre em clima de 'primavera cripto'

Retomada poderá se acomodar em um ritmo mais comedido, calibrado pela volta do apetite ao risco e pelas iniciativas recentes de regulação



03/04/2023, 09:26 — Em Criptomoedas

Cielo: Conselho elege Patrícia Coimbra como vice-presidente de Gente, Gestão e Performance

A posse efetiva da executiva ocorrerá após a homologação de sua eleição pelo Banco Central



03/04/2023, 09:25 — Em Finanças

Endeavor chega a acordo com WWE para unir UFC com empresa de 'telecatch'

Acordo foi aprovado de forma unânime pelos conselhos das duas companhias e deve ser finalizado no segundo semestre de 2023



03/04/2023, 09:15 — Em Empresas

Correios reajustam tarifa em 5,49% nesta segunda-feira

Elevação corresponde à variação do IPCA, referente ao período janeiro-dezembro de 2022, descontado o Fator de Produtividade



03/04/2023, 09:07 — Em Brasil

Dona do TikTok, ByteDance registra receita de US\$ 80 bi em 2022 e emparelha com rival Tencent

Resultado representaria um avanço de 30% sobre a receita de 2021



03/04/2023, 08:59 — Em Empresas

Preços do petróleo disparam com corte da Opep+ e pressionam cenário de juros

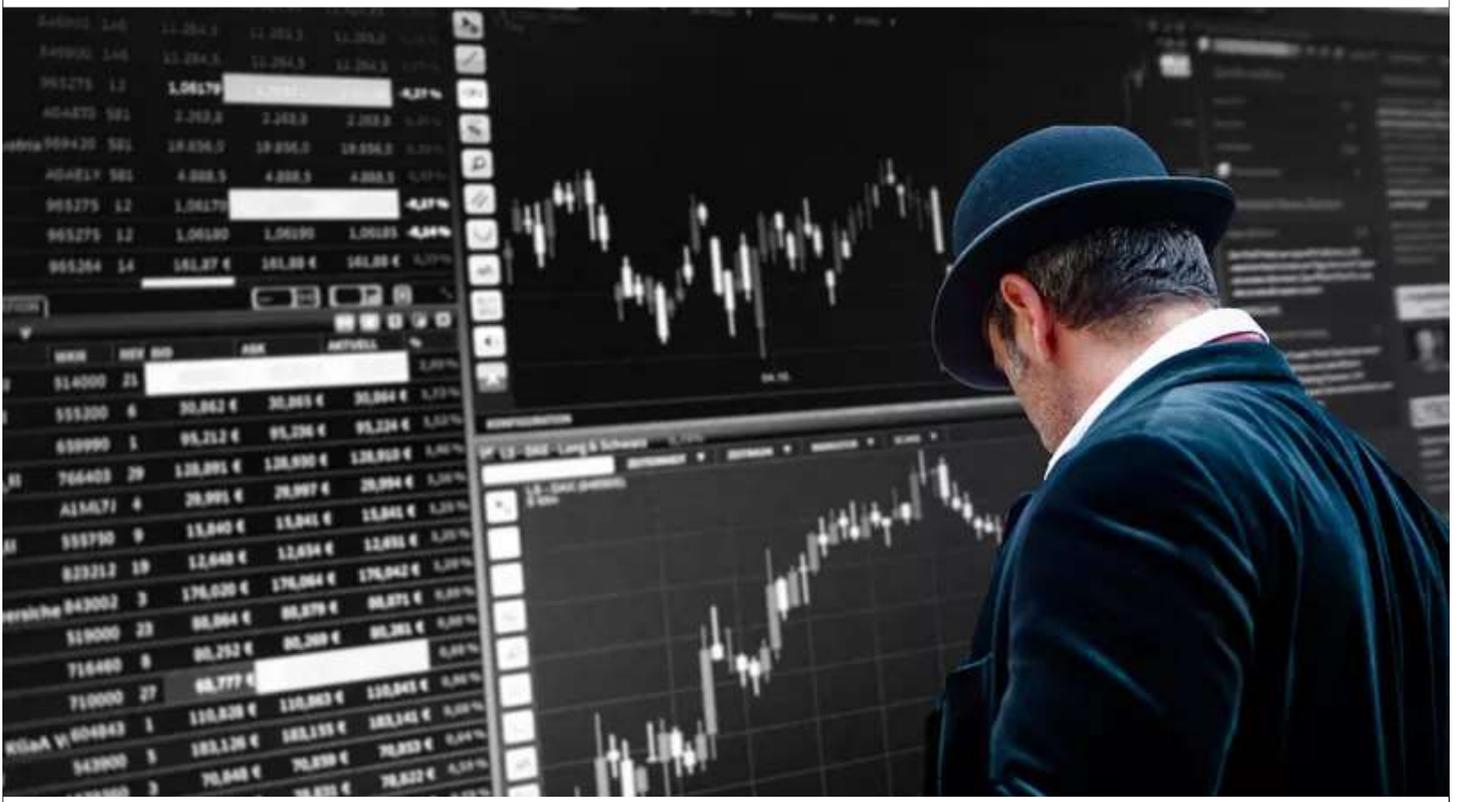
Com a redução anunciada ontem, o corte chega a 3% da produção mundial



03/04/2023, 08:51 — Em Finanças

Bolsas da Europa sobem após anúncio de corte pela Opep+

Além do comportamento da commodity, investidores avaliam dados da indústria de países do continente europeu



03/04/2023, 08:46 — Em Finanças

Confiança Empresarial sobe 2,2 pontos em março, diz FGV

Índice subiu para 91,4 pontos em março, o maior registro desde novembro de 2022



03/04/2023, 08:41 — Em Brasil

VEJA MAIS
